

Zahidé Machado Neto:
Uma Pioneira dos Estudos sobre a Mulher na Bahia

Felipe Bruno Martins Fernandes
Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação - GIRA
Universidade Federal da Bahia

Míria Moraes Dantas
Universidade Federal da Bahia

Maiara Diana Amaral Pereira
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a trajetória acadêmica da feminista pioneira, Zahidé Maria Torres Machado Neto, socióloga, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A partir deste ponto de vista, pretende-se trazer para as novas gerações de pesquisadoras em Ciências Sociais, as contribuições de Zahidé Machado Neto pela visibilidade de questões enfrentadas pelas mulheres num contexto marcado por discriminações, especialmente para as mulheres baianas no mercado de trabalho. A negligência da academia com o trabalho e contribuição de Zahidé Machado Neto é questionada neste estudo que se baseia em uma vasta pesquisa documental. Pode ser constatado que, desde a sua morte, seu trabalho nunca foi reconhecido, principalmente se tomarmos em conta os registros encontrados na UFBA.

Palavras-chave: Gênero, Ciências, Ciências Sociais, Mulher, Trabalho Feminino.

Zahidé Machado Neto: a Pioneer in Women's Studies in Bahia

Abstract: This article aims to rescue the academic career of sociologist, feminist and professor Zahidé Maria Torres Machado Neto. From this point of view, it is intended to bring to the new generations of researchers in Social Sciences, Zahidé's contributions concerning the struggle for women visibility and space, especially for the Bahian women in the labor market. The academy's neglect towards Zahidé's work and her contribution are questioned in this study. It is based on a vast search for materials on Zahidé and on what was actually found. It can be seen that ever since her death, her work has never been acknowledged as far as the records at the Federal University of Bahia.

Keywords: Gender, Science, Social Sciences, Women, Working Women.

Introdução¹

Há uma lacuna na história dos feminismos intelectuais nordestinos, a saber, a falta de uma biografia de Zahidé Maria Torres Machado Neto. Ela foi professora universitária, socióloga, feminista e ativista político-social entre as décadas de 1950 e início dos anos 1980, tendo desempenhado um papel significativo no campo acadêmico, social e na militância política e feminista, particularmente ao teorizar a relação da mulher com o mercado de trabalho. Apesar da sua intensa participação no campo acadêmico, seja na pesquisa ou no ensino e em congressos e outros eventos de divulgação científica nacionais e internacionais, sua obra, seu legado e suas contribuições não foram reconhecidas ou revisitadas desde a sua morte em 1983. Nesse sentido, o presente artigo, publicado no ano em que a Universidade Federal da Bahia (UFBA) comemora 70 anos, pretende contribuir para a história do feminismo trazendo à luz o trabalho, a trajetória e o pensamento de Zahidé Machado Neto, tentando obter não só o reconhecimento de uma trajetória pessoal de uma professora da UFBA, mas, acima de tudo, reinscrever na história dos feminismos brasileiros o papel da agência individual de uma pesquisadora que, em tempo hostil às pesquisas sobre a mulher, ajudou a constituir um campo cujos frutos ainda hoje são colhidos. Nesse exercício, buscamos contribuir para as novas gerações de pesquisadoras, estudiosas e ativistas em gênero e diversidade e, com isso, reivindicamos um enquadramento necessário para Zahidé Machado Neto como uma das pioneiras dos estudos feministas e sobre a mulher no Brasil.

A participação de mulheres nas diferentes áreas científicas tem sido tema de trabalhos que buscam demonstrar como trajetórias femininas contribuíram com a produção do conhecimento ao longo dos séculos XX e XXI, não sendo, como se imagina, “exceções à regra” (LOPES, 2003). O diálogo entre as ciências sociais e o feminismo é fundamental para a construção da categoria central da produção teórica em gênero e ciências: a de mulher. Esse exercício interdisciplinar faz com que a noção de “mulher” passe a ser desnaturalizada ao circunscrever seu significado nas análises efetuadas e situando-a num contexto histórico preciso. Conforme aponta Ângela Maria Freire de Lima e Souza, existem diferentes abordagens na análise sobre gênero nas ciências, sendo uma delas, à qual se adere o presente artigo, a estrutural, em que se busca compreender “a presença, a colocação e a visibilidade das mulheres nas instituições científicas” (SOUZA, 2014: p. 79).

Os Estudos Feministas constituem um campo interdisciplinar cuja problemática originalmente era a questão da mulher, tendo, ao longo dos últimos 40 anos no Brasil, ampliado seus interesses e eixos de investigação (GROSSI, 2010). Um desses eixos que tem produzido reflexões é a análise da condição feminina no mundo da ciência, o que gerou, conforme constatamos, o

¹ Todo conhecimento é uma produção coletiva. Agradecemos imensamente as contribuições de Cecília Sardenberg, Luzinete Simões, Alda Motta e Miriam Grossi que criticaram e trouxeram sugestões importantes para o artigo.

sub-campo intitulado “Gênero e Ciências”. Segundo Shirley Mahaley Malcolm, entrevistada por Carmen Rial, Miriam Grossi e Betina Lima (2006), a preocupação do sub-campo surge pela constatação de que poucas mulheres seguiam carreiras científicas nos anos 1960. Além disso, a forma de produção do conhecimento das mulheres passou, naquela época, a ser percebida como diferente do conhecimento produzido pelos homens, ou seja, feministas que criticavam a ciência passaram a perceber que os mesmos fenômenos analisados por homens e mulheres produziam resultados completamente diferentes.

Para Bruna Franchetto, Maria Laura Cavalcanti e Maria Luiza Heilborn (1981), a identidade masculina dos cientistas não é problematizada, o que torna o masculino sinônimo de universal no mundo acadêmico. Essa universalização acaba por levar a uma não percepção ou valorização do lugar e participação da mulher na vida social e profissional e produz a identidade masculina como privilegiada na produção do conhecimento social, particularmente na antropologia e outras ciências humanas e sociais, acarretando no não questionamento desse privilégio. Além disso, como analisa Claudia Fonseca (2003), o objetivo da investigação em gênero e ciências não é desqualificar a produção científica masculina, mas, ao invés disso, demonstrar que essa produção é contextual e não é neutra, o que faz com que os valores sexistas e androcêntricos dos cientistas estejam presentes em suas obras e trajetórias, ou seja, não existe cientista ou ciência acima de qualquer contexto. Desta forma a identidade de gênero dos pesquisadores é um dado relevante na reflexão sobre a constituição de campos acadêmicos e das identidades profissionais de cientistas e o fato desses serem homens ou mulheres importa nos processos de produção do conhecimento.

Sabemos que a ciência tem sido vista pelo senso comum e pelas ciências *hard* como se fosse uma instituição transcultural e ahistórica (BANDEIRA, 2008). Tomá-la como uma construção histórica produto de relações de poder quita-lhe essas supostas características, mostrando seu caráter local e provisório, ou seja, o saber, seja qual for, é sempre parcial (HARAWAY, 1995). Partindo desse pressuposto, os estudos de gênero e as teorias feministas passaram a questionar e contextualizar o lugar das mulheres na ciência através do levantamento da sua presença na academia, dos avanços representados pelo seu pensamento e pelos resultados de suas pesquisas. É importante notar que houve um aumento da presença das mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, bem como nas carreiras acadêmicas como pesquisadoras e docentes, alcançando hegemonia em algumas áreas do conhecimento em relação à presença de homens (BANDEIRA, 2008), como é o caso da antropologia, uma ciência social.

O diálogo interdisciplinar entre a antropologia e as teorias feministas impactaram ambos os campos. Segundo Alinne Bonetti (2006) a experiência da antropóloga feminista é de opressão, uma vez que sua autoridade é questionada tanto na antropologia como nos Estudos de Gênero, visto que há um desencontro entre o “pressuposto universalizante do feminismo com a tradição antropológica de questionamento das categorias analíticas da relativização e da valorização dos saberes locais” (p. 54). Para Cecília Sardenberg (2014), a posicionalidade etnográfica é um fator determinante para as epistemologias feministas, uma vez que o gênero passou a ser visto como uma dimensão central da experiência de campo, marcando as relações de poder entre pesquisador e interlocutores. Nesse sentido, pode-se pensar em uma antropologia feminista

em que o engajamento da pesquisadora com as lutas feministas reflete na produção de conhecimento antropológico em que o trabalho de campo tem centralidade.

O artigo é dividido em 04 partes. Na primeira apresentamos a “*Metodologia*” da pesquisa localizando-a como parte de uma reflexão mais ampla sobre História do Ensino de Antropologia na Bahia. Na segunda parte, “*Trajetória de Zahidé Machado Neto*”, analisamos a documentação do Banco de Dados construído para essa pesquisa e focamos basicamente em sua trajetória acadêmica e em sua participação em atividades de pesquisa, ensino e gestão universitária. Na terceira parte, intitulada “*O pensamento de Zahidé Machado Neto*”, buscamos compreender os principais eixos norteadores de seu pensamento e como a socióloga investiu na categoria “mulher” como objeto de análise para as ciências sociais e humanas. Por fim, na quarta parte, “*Zahidé Machado Neto e os Estudos sobre a Mulher e a Condição Feminina*”, localizamos Zahidé Machado Neto no quadro mais amplo de gênese dos Estudos de Gênero e Teorias Feministas brasileiros ressaltando o seu pioneirismo como docente da primeira disciplina sobre a mulher na Bahia.

2 - Metodologia

Este trabalho constitui parte de uma pesquisa mais ampla que busca analisar a História do Ensino da Antropologia na Bahia com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFBA². A primeira etapa envolveu a leitura dos seguintes clássicos da Antropologia e da Sociologia: *Ensaio de Antropologia Brasileira* de Edgard Roquette-Pinto (1933), *Ensaio de Antropologia* de Thales de Azevedo (1959), *Panorama da Filosofia no Brasil* de Luís Washington Vita (1968), *Sociologia da Vida Intelectual Baiana* organizado por Antônio Luís Machado Neto (1971) e *Introdução à Sociologia Básica* de Antônio Luís Machado Neto e Zahidé Machado Neto (1975). No período de publicação dessas obras, a preocupação teórica era a formação da sociedade brasileira, abordando temas como a cultura nacional, a história do povo brasileiro, a miscigenação e a divisão de classes no país. De acordo com a literatura lida e que compõe esse acervo inicial de publicações clássicas, percebemos que o grupo de pesquisadores da “primeira onda” da antropologia e da sociologia baiana³ era composto majoritariamente por homens, entre eles pesquisadores estrangeiros. Diante desse quadro, uma vez que aderimos à antropologia feminista, surgiu o seguinte questionamento: *qual o lugar que as mulheres pesquisadoras ocuparam no curso das ciências humanas e sociais na Bahia?*

Durante o processo de leitura dos clássicos da disciplina estabeleceu-se contato com a obra da única mulher presente no acervo selecionado, Zahidé Machado Neto, através do livro *Sociologia Básica* (1975), escrito em co-autoria com seu marido, Antônio Luís Machado Neto, pioneiro do campo de Sociologia

2 Este programa concedeu uma bolsa PIBIC/FAPESB e uma bolsa PIBIC-AF/UFBA, implementadas para as co-autoras do artigo que cursam ciências sociais e psicologia, respectivamente.

3 Ressaltamos que Roquette-Pinto e Vita não atuaram na Bahia mas são autores relevantes para o estudo em questão.

do Direito. A partir dessa interpelação, a pesquisa passou a contemplar também a sociologia, e foi direcionada a buscar e conhecer quem foi Zahidé Machado Neto e quais as suas contribuições para a área disciplinar da sociologia/antropologia e também para os estudos sobre a mulher. Nesse momento também percebemos que a história dessa socióloga estava invisibilizada tanto nas ciências humanas e sociais da UFBA quanto nos estudos de gênero e feministas nordestinos e nacionais. Entretanto, em 1984, foi criado o Centro de Documentação, Informação e Memória (CDIM) do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) que leva o nome de Zahidé Machado Neto. O Centro tem como objetivo a centralização e difusão de estudos sobre mulheres e feminismos. Um dado relevante é que encontramos no acervo do CDIM alguns trabalhos acadêmicos orientados por Zahidé Machado Neto, como *Criminalidade Feminina na Bahia do século XIX* de Marília Muricy Machado Pinto (1973), *O trabalho feminino na agroindústria fumageira no Estado da Bahia* de Dorothy do Rêgo Azevedo (1975) e *A família da prostituta* de Jeferson Afonso Bacelar (1979).

Após a leitura dos textos clássicos da sociologia e antropologia baiana e com o auxílio da servidora Marie Dupuit, responsável pelo arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA, optamos por direcionar a pesquisa na tentativa de resgatar a trajetória e as contribuições acadêmicas de Zahidé Machado Neto. Os dados do presente estudo foram coletados nesse arquivo entre outubro e dezembro de 2015 e produzimos dois dossiês com 600 arquivos digitalizados contendo informações acadêmicas, incluindo seu percurso na UFBA, seus projetos de pesquisa, sua atuação na docência e suas contribuições para a universidade. Também foram obtidos documentos no Acervo A. L. Machado Neto, localizado na Faculdade de Direito da UFBA. Além disso, conseguimos através de contatos com ex alunas - como a Profa. Luzinete Simões da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Profa. Alda Motta da UFBA⁴ - alguns dos artigos de Zahidé Machado Neto indisponíveis em meio digital. Este artigo é escrito com base nesse conjunto de fontes que, apesar de restrito, possibilitou essa primeira contribuição. Os registros obtidos foram digitalizados de modo a compor um Banco de Dados sobre sua trajetória que será analisada brevemente no próximo item.

3 - Trajetória de Zahidé Machado Neto

Segundo dados de nosso acervo, Zahidé Maria Torres nasceu em Salvador no dia 01 de agosto de 1931, filha do comerciante Emílio Torres Timóteo e da farmacêutica Noélia de Vinhaes Torres. Casada com Antônio Luís Machado

⁴ Luzinete Simões (UFSC) e Alda Motta (UFBA) são docentes de duas importantes escolas de pensamento feminista brasileiro. Luzinete Simões leciona na UFSC e integra o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da instituição, criado nos anos 1990 e responsável pela organização do principal evento científico feminista da América Latina, o "Seminário Internacional Fazendo Gênero", cujas sexta e décima edições foram presididas por ela. Alda Motta leciona na UFBA e foi uma das fundadoras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) em 1983, o grupo de pesquisa sobre mulheres, gênero e feminismos há mais tempo em atuação no Brasil. Ambas são consolidadas como pesquisadoras feministas brasileiras sendo que Luzinete Simões pesquisa questões relacionadas à Gênero e Trabalho e Gênero e Ciências e Alda Motta dedicou sua vida às pesquisas sobre Gênero e Trabalho e Gênero e Gerações.

Neto, compartilhou com seu marido, também professor da UFBA morto em 1977, o sobrenome, a vida acadêmica incluindo co-autorias em produções científicas e a coordenação conjunta de grupos de estudos e pesquisas. Zahidé Machado Neto faleceu prematuramente no dia 17 de março de 1983, com 52 anos, na época em que se dedicava ao doutorado, em um trágico acidente automotivo, durante o período de Carnaval, segundo relatos que escutamos durante o trabalho de campo, por conta de um animal de estimação que a distraiu no volante.

A sua carreira acadêmica foi iniciada no curso de direito da UFBA, no qual obteve o título de bacharela em 1955 e deu continuidade aos seus estudos, licenciando-se em Ciências Sociais pela mesma instituição no ano de 1959. Após concluir as duas graduações, ela se dedicou a um curso de pós-graduação na Universidade de Brasília (UNB) e ao seu mestrado em Ciências Humanas na UFBA em 1969, quando defendeu uma dissertação que se tornaria o livro intitulado: “*Estrutura Social dos Dois Nordeste na Obra Literária de José Lins do Rêgo*” (1971), cujo original compõe o banco de dados sobre Zahidé Machado Neto no Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) da UFBA.

Zahidé Machado Neto ministrou as disciplinas de *Sociologia e Sociologia Criminal* como professora auxiliar, entre 1962 e 1965, no Instituto Central de Ciências Humanas, na UNB; posteriormente foi professora assistente do departamento de Sociologia na FFCH/UFBA entre os anos de 1970 a 1972, se tornando depois professora adjunta por concurso no mesmo departamento. Além disso, foi professora convidada e regente do curso de Sociologia para a área de ciências humanas, na Universidade Católica de Salvador (UCSAL) nos anos de 1967 e 1968.

Após concluir o seu mestrado, deu início a sua carreira como professora/pesquisadora na UFBA, onde se tornou docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, com concentração em Sociologia, em 1970. Entre os anos de 1969 e 1973, foi coordenadora do colegiado do curso de Ciências Sociais da mesma instituição. Outros dados relevantes de sua trajetória acadêmica: foi diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da UFBA no ano de 1961; assessora e técnica da comissão de implantação da reforma universitária na UFBA que aconteceu nos anos de 1969 e 1970; elaboradora e responsável pela implantação, logo após essa reforma, do novo currículo do curso de Ciências Sociais da UFBA.

Em 1979, Zahidé Machado Neto iniciou seu doutorado em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da Profa. Dra. Eva Alterman Blay, reconhecida socióloga feminista brasileira. Zahidé Machado Neto não finalizou sua tese de doutorado cujo projeto de qualificação era intitulado “*Mulher: estrutura de existência e de sobrevivência*”, devido ao acidente no qual veio a óbito. Trabalhou como assessora em diversos setores ligados à educação, desde a coordenação de implantação da Faculdade de Educação de Feira de Santana/BA à Comissão de planejamento da Universidade do Sul do Estado da Bahia que veio a se tornar a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Como vemos, teve uma carreira comprometida com a gestão do sistema de ensino superior no estado com cuja preocupação deve ser ressaltada. Os cargos ocupados por Zahidé Machado Neto também refletem a grande capacidade de liderança, responsabilidade e compromisso com a produção de excelência nas ciências humanas e sociais, cargos que representavam sua intensa motivação e preocupação com a educação na Bahia. O seu envolvimento

e preocupação com a educação também é perceptível na sua trajetória como integrante da comissão julgadora de seleção para auxiliar de ensino do departamento de sociologia em 1971; como representante do departamento de sociologia da FFCH/UFBA; como integrante do colegiado da pós-graduação em ciências sociais e como assessora para assuntos educacionais do departamento cultural, na UFBA.

A carreira internacional de Zahidé Machado Neto também foi bem consolidada. A pesquisadora sempre participou de congressos e seminários internacionais, nos quais apresentou trabalhos ou mesmo foi convidada especial para ministrar conferências, como é o caso do Simpósio Mexicano no Centroamericano de Investigaciones sobre la Mujer, com uma palestra intitulada “*Mulher e Trabalho: um estudo de caso com mulheres faveladas no Brasil*”, realizado no México em 1977. Outras participações internacionais também foram importantes, como a apresentação de um seminário sobre “*L'enfance et l'adolescence au Brésil*” no Institut de Hautes Etudes de l'Amérique Latine de Paris, em fevereiro de 1981; participante convidada do Seminário sobre “*Mulher, Trabalho e Ideologia*”, sob a direção da Profa. Andrée Michel do Centre National de Recherches Scientifique da Universidade de Paris; participou como convidada especial do Child Labour Workshop no Institute of Development Studies da Universidade de Sussex, Inglaterra, com uma comunicação intitulada “*Children and Adolescents in Brazil - Work, Poverty, Starvation*”, em janeiro de 1981. Ela também representou a Bahia e o Brasil no Seminário Latino Americano de Programação de Estudos sobre a Mulher sob patrocínio da UNESCO/CNPq/NEM da PUC-Rio em novembro de 1981. Também cabe mencionar a comunicação, “*Professora primária, profissão tradicional da mulher brasileira*”, apresentada em 1968 no XIX Congresso Mexicano de Sociologia, que abordaremos adiante.

Todas essas participações giraram em torno de debates sobre temas na área de Sociologia, especialmente sobre “*Mulher e Trabalho*”, “*Reprodução da Força do Trabalho*”, “*Trabalho infantil*”, “*Violência Institucional*”, “*Desigualdades Sociais*” e “*Política Universitária*”; em universidades, partidos políticos e clínicas. Zahidé Machado Neto foi uma das pesquisadoras pioneiras a levar seus estudos para além do espaço local por ser uma pesquisadora que circulava em diferentes centros de pesquisa sobre a mulher no mundo e por defender uma luta minoritária em um tempo e espaço tão hostil.

4 - O pensamento de Zahidé Machado Neto

Com a emergência do feminismo intelectual a partir da década de 1960, os estudos sobre a condição feminina foram legitimados nas universidades, bem como expandiram-se as reflexões sobre a condição de trabalho das mulheres, momento em que a carreira de Zahidé Machado Neto estava consolidada como socióloga.

As pesquisas de Zahidé Machado Neto são marcadas pela preocupação com o *trabalho feminino*, em outras palavras, com a condição da *mulher como força de trabalho*. Debruçam-se, portanto, sobre a divisão sexual do trabalho e nos desfechos que essa divisão acarreta na vida das mulheres enquanto um grupo social oprimido. Essa preocupação com a condição social de classe das

mulheres trabalhadoras está presente em seus artigos. Por exemplo, em “*Mulher, Trabalho e Discriminação: um Estudo Piloto em Salvador*” (1980), escrito em co-autoria com Luzinete Simões e “*O que menina ‘pode’ e deve fazer: o papel da criança do sexo feminino na divisão do trabalho da família urbana*” (1982) e também na organização do grupo de trabalho “*Mulher e Força de Trabalho*” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), nos documentos de nosso acervo intitulada ANPOCIS. Como apontam Zahidé Machado Neto e Luzinete Simões, “*as dificuldades de localização no mercado de trabalho é resultado de uma discriminação que possui [...] um conteúdo ideologicamente definido em termos de ‘atividades de homem’ e ‘atividades de mulher’*” (NETO; SIMÕES, 1982: p. 4) em que demonstram que a noção de papéis sexuais, tão fortemente usadas na época, já era paradigma para os estudos sobre a condição feminina na sociologia.

As obras de Zahidé Machado Neto vão além da questão do trabalho feminino. A socióloga tinha uma preocupação mais ampla sobre esse universo, pois pesquisava desde o papel da mulher como força de trabalho, o papel da criança do sexo feminino na divisão sexual do trabalho no âmbito familiar e também questões de violência doméstica. Assim, Zahidé Machado Neto situava as mulheres em um contexto macro com vistas a compreender o processo discriminatório que as subordinava, seja no trabalho, na rua ou em casa. Para Helleieth Saffioti (1982), socióloga feminista contemporânea de Zahidé Machado Neto, o fato das mulheres sofrerem discriminações de várias ordens tem reflexos não apenas sobre suas próprias vidas, como também na de seus familiares. E vemos isso no pensamento de Zahidé Machado Neto, ou seja, uma preocupação de localizar socialmente e na família a condição que produzia a subordinação das mulheres.

Suas pesquisas são fruto de estudos que realizou com mulheres de camadas populares, particularmente em situação de marginalização, a saber, “*Mulher: vida e trabalho – um estudo de caso com mulheres faveladas*” (1977), “*As meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente na família proletária*” (1980) e “*A força de trabalho da mulher no espaço do bairro*” (1981), todos produzidos entre os anos de 1977 a 1981, período em que procurou entender especificidades da inserção de mulheres de baixa renda no mercado de trabalho, uma vez atentava ao fato de que as mulheres pobres sempre trabalharam dentro e fora de casa. O artigo “*O que menina ‘pode’ e deve fazer: o papel da criança do sexo feminino na divisão do trabalho da família urbana*” (1982) foi o último trabalho publicado dessa cientista social, divulgado no volume 30 do periódico Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, em 1982. Como a própria autora afirma,

este artigo é fruto de um intenso trabalho de pesquisa, entrevistas e observação direta com famílias proletárias e sub-proletárias que vivem em bairros periféricos da Cidade do Salvador, [...] onde [...] se verifica nessa população que a criança do sexo feminino desde muito cedo é treinada para as tarefas domésticas, para o papel de dona de casa e mãe (NETO, 1982: p. 01).

Esse processo baseado na análise de papéis de gênero foi chamado por Zahidé Machado Neto de “*adultização da criança*”. Em outro de seus artigos com mesma temática, *Meninos Trabalhadores* (1979), o ponto primordial é como o trabalho infantil se torna essencial para a sobrevivência do grupo familiar, e que essa dependência do trabalho das crianças varia de acordo com as necessidades das famílias. Para a realização dessa pesquisa, foram

observados meninos entre dez a dezessete anos, com alguns casos de sete a oito anos, em bairros periféricos de Salvador. Apesar de Zahidé Machado Neto ter se debruçado principalmente no trabalho dos meninos na comercialização dos produtos do trabalho das suas mães, irmãs e outras mulheres, a socióloga não deixou de se preocupar com o lugar das meninas nessa rede de trabalho familiar, e pôde perceber que existia uma diferença com relação aos trabalhos realizados pelas crianças de acordo com o sexo e com a idade. As meninas se ocupavam mais da produção e dos cuidados da casa do que os meninos, mesmo quando tinham que trabalhar fora de casa, enquanto os meninos se ocupam mais das atividades fora de casa e se distanciam mais do lar do que as meninas. Outra diferença resultante do sexo e da idade percebida por Zahidé Machado Neto é que as meninas se sobrecarregam mais do que os meninos com a mesma idade e na adolescência a cobrança em cima das meninas para uma participação na renda familiar é maior do que com os meninos. Entretanto, essa diferença não foi a única preocupação levantada. Ao abordar as famílias de mulheres, em que não há uma figura masculina, as crianças de ambos os sexos são incentivadas a trabalhar para auxiliar a mãe tanto no trabalho doméstico como na rua e as distinções dos papéis sexuais das crianças é menos evidente. Desta forma, nos seus últimos trabalhos percebemos uma redefinição da ideia de papéis sexuais de crianças e adolescentes da época, a partir da argumentação de que nessas etapas da vida há a formação de estereótipos ligados aos papéis masculinos e femininos, o que acarreta na produção de necessidades específicas para homens e mulheres na estrutura familiar.

Já em *“Mulher, trabalho e discriminação: um estudo piloto em Salvador”* (1980), texto escrito em co-autoria com Luzinete Simões, as autoras inclinam-se a compreender qual o lugar que as mulheres de camadas médias do bairro Santo Antônio Além do Carmo ocupavam dentro da nova lógica de desenvolvimento da cidade de Salvador/BA, e, por conseguinte, no mercado de trabalho como donas de salão de beleza, pensões e pensionatos e como funcionárias públicas. Percebemos que o interesse por mulheres dessas camadas, particularmente nesse estudo, se justifica pelo fato destas serem vistas na época como mais comprometidas com o processo de transformação social do Brasil em virtude da aceleração do desenvolvimento industrial e tecnológico (o chamado *“Milagre Econômico”*). Sendo assim, a classe média foi vista pela sociologia feminista da época como responsável por redefinições de modelos de comportamento, normas e valores, de modo que a condição das mulheres dessa classe social poderia oferecer mais pistas para a compreensão da situação feminina da época. Essa preocupação com as camadas médias parece corresponder ao projeto feminista dos anos 1970 que entendia as mulheres como um grupo homogêneo, submetidas, mesmo com suas diferenças de classe, a uma opressão comum. A conclusão de Zahidé Machado Neto e Luzinete Simões nesse artigo foi que as mulheres de camadas médias ocupavam um lugar de tensão entre os limites da casa e do trabalho fora de casa (em última instância, entre o privado e o público), já que as atividades que lhes foram permitidas realizar eram aquelas que não as afastassem do cenário doméstico ou comprometessem suas atividades na manutenção do lar e dos cuidados das crianças, contribuindo assim para reforçar o estereótipo de *“papéis femininos”*. Contudo, Zahidé Machado Neto não deixou de considerar também as mulheres de grupos populares, da classe trabalhadora, quando afirmou que estas não sofriam essa

pressão do “papel feminino” porque não *tinham escolha*, ou seja, elas tinham que trabalhar para sobreviver (MACHADO NETO; SIMÕES, 1980).

Conforme apresentado, o pensamento de Zahidé Machado Neto gira em torno das problemáticas sobre a condição da mulher no mercado de trabalho, da reprodução, da divisão sexual do trabalho, do desempenho de papéis de gênero e do questionamento de estereótipos.

5 - Zahidé Machado Neto e os Estudos Sobre a Mulher e da Condição Feminina

O feminismo enquanto movimento social, da forma como o concebemos, é originário, no Brasil, dos anos 1970. Há duas grandes explicações para a gênese desse movimento no país, uma que aponta 1975, o Ano Internacional da Mulher da Organização das Nações Unidas (ONU), como marco fundador do movimento e outra que indica que, já no lançamento da edição brasileira do livro “*A Mística Feminina*” de Betty Friedan em 1971, as mulheres estavam organizadas em grupos auto-intitulados “feministas” (PEDRO, 2006). Em uma ou outra versão os estudos da condição feminina no Brasil já haviam despontado. A socióloga Heleieth Saffiotti narra em entrevista a Juliana Cavilha Mendes e Simone Becker (2006) que em 1966 já trabalhava nos três volumes que originariam sua tese de livre docência que se consagrou como marco dos estudos sobre a mulher no Brasil, o livro “*A Mulher na Sociedade de Classes*” publicado em 1969. A socióloga Eva Blay, que foi, como vimos, orientadora do doutorado não concluído de Zahidé Machado Neto, juntamente com Heleieth Saffiotti, são responsáveis pelas primeiras teses sobre mulheres e a condição feminina no mundo do trabalho no país, tendo ingressado juntas no curso de Ciências Sociais da USP no ano de 1956. A dissertação de mestrado de Eva Blay é intitulada “*Mulher Escola Profissão: o ginásio industrial feminino em São Paulo*” e foi defendida em 1969 e sua tese de doutorado, “*A Mulher na Indústria Paulista*”, foi defendida em 1973. Não menos pioneira, Zahidé Machado Neto, resguardando-se as proporções, também na segunda metade dos anos 1960, se dedicava à condição feminina no mundo do trabalho, particularmente quando apresenta seu primeiro texto na temática, uma comunicação intitulada “*Professora Primária, Profissão Tradicional da Mulher Brasileira*” no Congresso Mexicano de Sociologia em 1968.

Desta forma, o feminismo no Brasil enquanto movimento social é posterior ao início das pesquisas sobre a condição feminina nas Ciências Sociais e Humanas⁵. As supramencionadas Heleieth Saffiotti, Eva Blay e Zahidé Machado Neto são três exemplos marcantes, mas não são os únicos (cf.

⁵ Segundo Joana Maria Pedro (2008) o feminismo, enquanto movimento social, pode ser classificado, para fins teóricos, em diferentes “ondas”. Em um primeiro momento, as mulheres atuavam em busca de equiparação de direitos, por isso a pauta política, nesta primeira onda, centrava-se em direitos políticos como o direito ao voto, ao estudo em universidades, o direito de votar e ser eleita. Uma segunda onda, na qual se centra este trabalho, emerge logo após a Segunda Guerra Mundial, e é um momento em que as mulheres passam a lutar pelo direito “ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado” (ibidem:2). É nesse período que Zahidé Machado Neto passa a atuar como pesquisadora da mulher e da condição feminina na Bahia e também é a partir dos anos 1970 que as mulheres passaram a se auto-intitular “feministas”.

GROSSI, SIMÕES, PORTO, 2006). Como se sabe, o feminismo e o protagonismo das mulheres no Brasil enfrentaram dificuldades para se consolidar, uma vez que emergiram em uma sociedade desigual em termos de gênero. Assim, os movimentos e as preocupações feministas estiveram inicialmente ligados às universidades, através de pesquisadoras engajadas com a transformação dos valores sexistas. Como apontam Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj,

o feminismo contou desde a sua origem com expressivo grupo de acadêmicas, a tal ponto que algumas versões de sua história consideram que o feminismo apareceu primeiro na academia e, só mais tarde, teria se disseminado entre mulheres com outras inserções sociais. (HEILBORN; SORJ, 1999: p. 3).

Além disso, segundo Cynthia Andersen Sarti (2004), nos anos 1960 também ocorreram transformações na situação mais geral das mulheres no Brasil, resultado da modernização que expandiu o mercado de trabalho e o sistema educacional, que acabou por colocar em cheque aspectos das hierarquias de gênero tradicionais e abriu novas oportunidades para as mulheres.

Acompanhando essas mudanças, o campo de estudos sobre a condição feminina nas Ciências Humanas e Sociais nos anos 1960 elegeu como foco de análise a mulher e o trabalho. Zahidé Machado Neto, que seguiu trajetória sociológica no estudo sobre a mulher e a condição feminina nos anos 1970 e início dos anos 1980 reforça essa ideia, visto que, em 1974, foi responsável pela disciplina “*Sociologia da Família e das Relações entre os Sexos*”, no Mestrado em Ciências Sociais da UFBA.

Esta disciplina pode ser considerada a primeira relacionada aos estudos sobre a mulher e a condição feminina na Bahia. No ensino desses conteúdos, Zahidé Machado Neto explorou a estrutura familiar dentro da perspectiva das ciências sociais e humanas. Para Elisete Passos (1998), uma interpretação possível para a “falta de clareza” no título da disciplina de que a mesma abordava “a mulher” é devido à dificuldade desse objeto, naquela época, ser considerado legítimo nas ciências sociais. Para a autora, integrante do NEIM, a disciplina de Zahidé Machado Neto foi a primeira “que se dispunha a discutir a temática”, apesar de não clarificar que se tratava de um componente curricular feminista. Segundo Elisete Passos,

A ementa não deixa explícito que a pretensão da disciplina era priorizar a questão da mulher e das relações de gênero, mas, certamente, respondia às exigências da ‘academia’ que, naquele momento, encontrava mais dificuldades para incorporar as discussões sobre a problemática feminina. No texto da ementa, a temática da mulher está ao lado de autores e teorias sociológicas clássicas. [...] Nas entrelinhas, ou fazendo-se uma leitura mais crítica, verifica-se que [o tema da mulher] está presente. Por exemplo: as expressões ‘literatura ativista’, ‘discurso polêmico’, ‘estudos atuais’, ‘para uma sociologia futura’, são formas de tratar o tema sem dizer, explicitamente, que o estava fazendo. [...] A questão é apresentada de forma transversal e sutil sob o rótulo da família, o que, certamente, era tema considerado mais importante e de maior valor que o da mulher. Entretanto, nota-se que existe disposição e necessidade de tratá-lo, o que se infere pelo número de vezes que aparece no corpo da ementa a expressão ‘relações entre os sexos’. [...] Sem dúvida, esse tratamento era o que de mais avançado a época permitia (1998: pp. 39-41).

Fizeram parte do programa da disciplina conteúdos relacionados às relações entre os sexos dentro do contexto familiar, a formação de papéis masculino e feminino e a situação das mulheres no mundo do trabalho em outros países, como Estados Unidos, França, Itália e Inglaterra. A disciplina foi

divida em 11 unidades, sendo que, em todas, autores clássicos como Marx, Weber e Durkheim eram relidos com as contribuições feministas. Cabe mencionar que Zahidé Machado Neto dedicou a 7ª Unidade aos estudos sobre a “*ideologia, valores e atitudes como componentes ideológicos da família*”, cujos temas centrais previstos no programa foram “*a reavaliação da contracultura, o homossexualismo e o unissexo*”.

Para duas de suas ex alunas a disciplina foi central na escolha da pesquisa sobre a mulher e as relações de gênero em suas carreiras. Luzinete Simões afirmou que “*ela foi pioneira em abordar os feminismos na recém criada pós-graduação em Ciências Sociais. Cursei a optativa com ela e o programa incluía Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Evelyne Sullerot e Germaine Greer, entre outras autoras célebres. Foi a primeira vez que tive contato com essa literatura*”⁶. Alda Motta apontou que a literatura científica do programa da disciplina era baseada no trabalho antropológico de Margaret Mead e que Zahidé Machado Neto, a partir desse trabalho, estimulava discussões em sala de aula sobre trabalho feminino, família e relações entre os sexos⁷. Ambas as ex alunas ressaltaram o caráter forte de Zahidé Machado Neto que, segundo elas, “*levava a academia super a sério e cultivava uma boa biblioteca*” e cuja carreira “*foi uma inspiração para a formação pessoal e política de muitas mulheres que se dedicaram ao feminismo na UFBA*”.

Zahidé Machado Neto não foi a única a discutir a mulher, a condição feminina e as questões de gênero na UFBA, mas foi a primeira. Sua posição como professora universitária esteve a favor de um projeto que debateu e valorizou esse campo que se tornou os Estudos de Gênero e as Teorias Feministas no Brasil contribuindo, segundo a história do feminismo, com o movimento social que hoje é dos mais importantes na cena pública brasileira.

Considerações Finais

Pretendemos com esse artigo resgatar a trajetória de uma professora que se dedicou à UFBA e as Ciências Humanas e Sociais. Para isso, dialogamos com a literatura feminista brasileira do campo de Gênero e Ciências sobre “pioneiras”. Iniciamos a pesquisa sem quaisquer informações acadêmicas ou textos dessa socióloga e compartilhamos nesse momento um primeiro esforço em analisarmos sua obra e o significativo papel que desempenhou como pesquisadora, docente e militante feminista. Assim como em cada arquivo da pesquisa sobre Bertha Lutz de Lia Gomes Pinto de Souza, Mariana Moraes de Oliveira Sombrio e Maria Margaret Lopes (2005) as autoras encontravam uma nova personagem, novas propostas e diferentes visões sobre o lugar da mulher, também conhecemos várias Zahidé Machado Neto na análise do extenso Banco de Dados que produzimos.

O período em que Zahidé Machado Neto atuou era de ditadura militar no Brasil e temas como a condição feminina estudados com o olhar marxista ou de

6 Mensagem Pessoal à Felipe Bruno Martins Fernandes em 28/10/2015.

7 Entrevista concedida à Maiara Amaral e Míria Moraes em 13/04/2016.

classe eram muito perseguidos. Para Carla Giovanna Cabral (2010) é fundamental trabalharmos no resgate de trajetórias científicas de mulheres, uma vez que a participação de mulheres na ciência teve sua gênese a partir de algumas cientistas que, de forma isolada desde o início do século XX, enfrentaram o caráter androcêntrico do mundo da ciência. Também Luzinete Simões (2013), que analisou pioneiras na medicina, aponta que o crescimento da participação das mulheres nas diversas carreiras científicas não gerou análises do impacto das mulheres nos processos de produção do conhecimento em geral. Nesse sentido, resgatar trajetórias de mulheres cientistas é reparar a história das ciências e garantir que as múltiplas vozes que produziram paradigmas teóricos e contribuições científicas sejam ouvidas.

Na UFBA, o processo não foi diferente. Zahidé Machado Neto, mesmo tendo sido destaque no que tange a consolidação dos estudos sobre a mulher e a condição feminina na Sociologia, está imersa em um conjunto mais amplo de pioneiras. De sua mesma geração encontramos mulheres na Matemática, nas Engenharias, na Odontologia, na Medicina, na Farmácia e na Enfermagem (MENEZES, SOUZA, 2012; SIMÕES, 2013; VANIN, 2015). Por exemplo, Maria Teresa de Medeiros Pacheco que, a partir dos anos 1950, atuou como médica-legista e docente da UFBA tendo se tornado a primeira mulher do mundo a dirigir um Instituto Médico Legal (GUIMARÃES, 2014). Concluímos afirmando que Zahidé Machado Neto foi uma pioneira para as Ciências Humanas e Sociais mas que, para além disso, é parte de uma geração de pioneiras em vários campos nos quais a maioria delas, ainda hoje, são pouco reconhecidas.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 1, n. 16, p.207-228, jan./abr. 2008. Trimestral.

BONETTI, Alinne de Lima.. Antropologia Feminista: O que é esta Antropologia adjetivada?. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 - Gênero e Preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

CABRAL, Carla Giovana. Pioneiras na engenharia. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba. Anais... Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010. p. 1-13.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, v. 5, p.7-41, 1995.

SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. Gênero e Ciências. Revista Feminismos, Salvador, v. 2, n. 3, p.79-84, 2014. Trimestral.

LOPES, Maria Margaret. Gênero e ciências no país: exceções à regra?. Revista ComCiência. 2003. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/13.shtml>>.

FONSECA, Claudia. Estudos da ciência na ótica feminista. 2003. Revista ComCiência. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/12.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2003.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo: perspectivas antropológicas da mulher, Rio de Janeiro: Zahar, v. 1. p. 11-47, 1981.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e sexualidade. In: Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis. 1988. Revisado em 2010. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf>

GUIMARÃES, Sabrina Guerra. Medicina legal na Bahia: trajetória de Maria Theresa de Medeiros Pacheco (1928-2010) uma leitura feminista. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Interdisciplinares Sobre Gênero, Mulheres e Feminismos, Departamento de Estudos de Gênero e Diversidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MENDES, Juliana Cavilha; BECKER, Simone. Helleieth Saffiotti. In: GROSSI, Miriam Pillar; SIMÕES, Luzinete; PORTO, Rozeli (orgas.). Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

PASSOS, Elisete. Impacto da Perspectiva de Gênero e dos Estudos sobre a Mulher na Universidade Federal da Bahia. In: PASSOS, Elisete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia. Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 26, n. 52, 2006, p. 249-272.

_____. Uma nova imagem de si: identidades em construção. In RAMOS, A. F.; PATRIOTA, R. e PESAVENTO, S. J. Imagens na história. Objetos de história cultural. São Paulo: Hucitec, 2008.

RIAL, Carmen Silvia; GROSSI, Miriam Pillar; LIMA, Betina Stefanello. Gênero e ciência: entrevista com Shirley Malcolm. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 14, set./dez. 2006, p.695-708. Trimestral.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004, p. 35-50.

SIMÕES, Luzinete. Pioneiras no Campo da Medicina: trajetórias nas interseções. FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero, 2013.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, jan. 2005, p.315-325.

MENEZES, Márcia Barbosa de; SOUZA, Angela Maria Freire de Lima e. Gênero e matemática na mesma equação: possíveis implicações nas escolhas profissionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 17., 2012, João Pessoa. Anais... . João Pessoa: Redor/ufpb, 2012. p. 1 - 16.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Revisitando o campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista. Mora, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 20, n. 1, agosto 2014 .

VANIN, Iole. As Damas de Branco: Médicas, Odontólogas e Farmacêuticas. Curitiba: Appris, 2015.

Fontes:

MACHADO NETO, Zahidé. Mulher: estrutura de existência e de sobrevivência. SIMPÓSIO MEXICANO CENTROAMERICANO DE INVESTIGACIONES SOBRE LA MUJER, México, 1977.

_____. Baianas de acarajé – uma ocupação em redefinição, ed. Pós-graduação em Ciências Sociais da UFBA, 1977, em coautoria com Célia Braga. Resumo publicado nos Resumos da 29^a Reunião Anual da SBPC, São Paulo, 1977, p. 246.

_____. Mulher: vida e trabalho – um estudo de caso com mulheres faveladas. Ciência e Cultura (CBPC), vol. 31(3). 1979, p. 280.

_____. Meninos trabalhadores. Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 31(12) 1979.

_____. As Meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente na família proletária. Ciência e Cultura (SBPC), vol., 32(6), 1980, p. 671/683.

_____. Funcionária Pública: a dona de casa nas repartições, In: ENCONTRO ANUAL DA AMPOCIS, Rio de Janeiro, 1980.

MACHADO NETO, Zahidé; SIMÕES, Luzinete. Mulher, Trabalho e Discriminação: um Estudo Piloto em Salvador, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1980.

MACHADO NETO, Zahidé. A Força de Trabalho da Mulher no Espaço do Bairro, In: ENCONTRO ANUAL DA AMPOCIS, Nova Friburgo, 1981.

_____. Sexualidade, Reprodução e Reprodução na Força de Trabalho, UFBA, 1982.

_____. O Papel da Criança do Sexo Feminino na Divisão do Trabalho da Família Urbana, 1982, UFBA.

_____. O que Menina “Pode” e Deve Fazer: o Papel da Criança do Sexo Feminino na Divisão do Trabalho da Família Urbana. Revista Universitas – UFBA, vol. 30, 1982.

_____. Políticas Governamentais e a Mulher; a cidadã de segunda classe, UFBA, 1982.

_____. Amélia Revisitada: violência cotidiana contra a mulher, UFBA, 1982.

_____. A Mulher na Força do Trabalho na América Latina, Vozes, Petrópolis, 1982.

_____. Child Work, Development and change Ed., Institute of Social Studies, The Hague, Nederland, Children and Adolescents in Brazil, 1982.

Comunicações:

MACHADO NETO, Zahidé. Professora Primária, Profissão Tradicional da Mulher Brasileira – XIX Congresso Mexicano de Sociologia, 1968.

_____. Mulher e Trabalho: um estudo de caso com Mulheres Faveladas no Brasil – Simpósio Mexicano no Centroamericano de Investigaciones sobre la Mujer, realizado no México em 1977.

Textos Clássicos:

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Ensaio de Anthropologia Brasileira. Bibliotheca Pedagógica Brasileira. Vol. XXII. São Paulo, 1933.

AZEVEDO, Thales de. Ensaio de Antropologia. Publicações da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1959.

VITA, Luis Washington. Panorama da Filosofia no Brasil. Série Universitária. Editora Globo. Porto Alegre, 1968.

MACHADO NETO, A.L. Sociologia da Vida Intelectual Baiana (1900–1930) – a Bahia Intelectual. Cadernos de Pesquisa do Mestrado em Ciências Humanas da UFBA. Salvador, 1971.

MACHADO NETO, A.L.; MACHADO NETO, Zahidé. Sociologia básica. São Paulo. Edição Saraiva, 1976. McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.